



História

Sistema CFMV/CRMVs

Em 1933, através do [Decreto nº 23.133](#), do então Presidente da República Getúlio Vargas, surge a primeira regulamentação da Medicina Veterinária no Brasil. O decreto representou um grande marco na evolução da profissão no Brasil. Por mais de três décadas, foi ele que estabeleceu as condições e os campos de atuação para o exercício da Medicina Veterinária. Por esse motivo, a data de publicação do Decreto 23.133, 9 de setembro, foi escolhida para comemorar o Dia do Médico-Veterinário no Brasil.

O decreto estabeleceu a obrigatoriedade do registro do diploma, o que começou a ser feito, a partir de 1940, pela Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário do Ministério da Agricultura, órgão igualmente responsável pela fiscalização do exercício profissional.

Em 23 de outubro de 1968 era sancionada a [Lei nº 5.517](#), de autoria do então deputado federal Lobo Coelho ([PL 3359/1957](#)), que disciplinava o exercício da Medicina Veterinária e criava os Conselhos Federal e Regionais de Medicina Veterinária, conhecido hoje como Sistema CFMV/CRMVs. No ano seguinte, a lei era regulamentada pelo [Decreto nº 64.704, de 17 de junho de 1969](#).

Ainda em 1968 também era instituída a profissão de Zootecnista ([Lei nº 5.550, de 4 de dezembro de 1968](#)), que também passava a ser regulamentada e fiscalizada por esses Conselhos.

A primeira diretoria do Conselho Federal de Medicina Veterinária foi empossada em 1969, constituída exclusivamente por médicos-veterinários. Era composta por Ivo Totarella, na presidência, e Stoessel Guimarães Alves como vice-presidente. O primeiro secretário-geral foi Hélio Lobato Valle e o tesoureiro Raimundo Cardoso Nogueira.

CRMVs

A [Resolução CFMV nº 5/1969](#) cria os Conselhos Regionais de Medicina Veterinária (CRMVs) nos estados do RS, SC, PR, SP, RJ, MG, GO, MT, BA, PE, PB, CE e PA/AP. A primeira diretoria empossada foi a do CRMV-RS em 1º de setembro de 1969 e a última foi do CRMV-DF em 2003. Atualmente, todos os CRMVs são regidos pelo regimento interno padrão, instituído pela [Resolução CFMV nº 591/1992](#).

CRIAÇÃO DOS CONSELHOS			
CONSELHO	1º PRESIDENTE	CRIAÇÃO	INSTRUÇÃO LEGAL
CFMV	Ivo Torturella	23/10/1968	Lei nº 5.517/1968
CRMV-RS	Paulo Guilherme Guinter	28/07/1969	Resolução CFMV nº 5/1969
CRMV-SC	Abel Just	28/07/1969	Resolução CFMV nº 5/1969
CRMV-MG	Gilberto C. de Albuquerque Filho	28/07/1969	Resolução CFMV nº 5/1969
CRMV-PR	José Quirino dos Santos	28/07/1969	Resolução CFMV nº 5/1969
CRMV-RJ	Jaime Moreira L. de Almeida	28/07/1969	Resolução CFMV nº 5/1969
CRMV-MT	Waldebrandt da Silva Coelho	28/07/1969	Resolução CFMV nº 5/1969
CRMV-CE	Sylvio Barbosa Cardoso	28/07/1969	Resolução CFMV nº 5/1969
CRMV-GO	Pio José da Silva	28/07/1969	Resolução CFMV nº 5/1969
CRMV-PA/AP	Antônio Pessoa Nunes	28/07/1969	Resolução CFMV nº 5/1969
CRMV-SP	Oswaldo Domingues Soldado	28/07/1969	Resolução CFMV nº 5/1969

CRMV-BA	Moacyr Dunhan de M. Costa	28/07/1969	Resolução CFMV nº 5/1969
CRMV-PE	Luiz de Oliveira e Silva Sobrinho	28/07/1969	Resolução CFMV nº 5/1969
CRMV-PB	João Paulino de Moraes	28/07/1969	Resolução CFMV nº 5/1969
CRMV-MS	Almério Victor de Oliveira	22/02/1978	Resolução CFMV nº 214/69
CRMV-AL	Paulo Bezerra Nunes	20/10/1980	Resolução CFMV nº 310/80
CRMV-ES	Antero Dadalto	30/10/1981	Resolução CFMV nº 345/81
CRMV-PI	Mozart Bastos Oliveira	11/12/1981	Resolução CFMV nº 360/81
CRMV-MA	Antonio Dias de Moraes	11/12/1981	Resolução CFMV nº 361/81
CRMV-SE	Carlos Augusto Legal	11/12/1981	Resolução CFMV nº 362/81
CRMV-AM	Luiz Alberto Guimarães F. de Sá	08/07/1982	Resolução CFMV nº 375/82
CRMV-RN	Geraldo Marcelino C. P. do Rêgo	09/09/1983	Resolução CFMV nº 428/83
CRMV-RO	Altair de Oliveira Cunha	17/04/1986	Resolução CFMV nº 482/86
CRMV-RR	Anthony G. Sinclair Haynes	12/07/1986	Resolução CFMV nº 488/86
CRMV-AC	José H. F. Chaled	11/06/1987	Resolução CFMV nº 518/87
CRMV-TO	Renato Buzolin	07/08/1989	Resolução CFMV nº 551/89
CRMV-DF	Márcia França Gonçalves Villa	16/05/2003	Lei nº 10.673/2003

História da Medicina Veterinária no Mundo

A Medicina Veterinária nasceu quando o homem primitivo começou a domesticar o animal. Os primeiros métodos de diagnóstico, tratamento e prognóstico tiveram início por volta de 4.000 anos a.C., de acordo com o *Papiro de Kahoun*, descoberto no Egito, em 1890. Para alguns historiadores, esse é considerado o primeiro tratado de veterinária. Os códigos de *Eshn Unna* (1900 a.C.) e de *Hammurabi* (1700 a.C.), ambos da Babilônia, também já mencionavam a remuneração e as responsabilidades atribuídas aos “médicos dos animais”.

Documentos produzidos por Aristóteles (384-322 a.C) também contribuíram para o nascimento da veterinária. De acordo com pesquisadores, ele produziu uma verdadeira enciclopédia do conhecimento humano, deixando explícita sua condição de naturalista o que lhe valeu o crédito de fundador da zoologia. Foi ele quem concebeu a primeira classificação do reino animal de que se tem notícia.

Na Europa, os primeiros registros sobre a prática da Medicina animal originam-se da Grécia, no século VI a.C. Em algumas cidades gregas haviam cargos públicos para os que praticavam a cura dos animais, esses profissionais eram chamados de *hipiátras* ou *hippiatros*. Eles tratavam de cavalos e também de outras espécies domésticas.

Já no mundo romano, os praticantes do diagnóstico, tratamento e prognóstico de animais já eram chamados de *medicus veterinários* e a medicina de animais era a *ars veterinaria*. Autores como *Cato* e *Columella* produziram interessantes observações sobre a história natural das doenças animais.

Na era cristã, em meados do século VI, em Bizâncio, foi identificado um verdadeiro tratado enciclopédico chamado HIPPIATRICA. Compilado por diversos autores, tratava da criação dos animais e suas doenças, contendo 420 artigos, dos quais 121 escritos por *Apsirtos*, considerado o pai da Medicina Veterinária no mundo ocidental. Entre os assuntos descritos por *Apsirtos*, merecem referência o mormo, enfisema pulmonar, tétano, cólicas, fraturas, a sangria com suas indicações e modalidades, as beberagens, os unguentos. Sua obra revela, enfim, domínio sobre o conhecimento prevacente na prática *hipiátrica* da época.

Na Espanha, durante o reinado de Afonso V de Aragão (1396-1458), foram estabelecidos os princípios fundamentais de uma Medicina animal racional que

geraram a criação do “Tribunal de Proto-albeiterado”, pelos reis Fernando e Isabel, no qual eram examinados os candidatos ao cargo de “albeitar”. Essa denominação deriva do mais famoso Médico de animais espanhol, cujo nome de origem árabe era “EB-EBB-BEITHAR”. Na língua portuguesa, o termo foi traduzido para “alveitar”, sendo usado em 1810 para designar os veterinários práticos da cavalaria militar do Brasil Colônia.

Após a conquista de Constantinopla pelos turcos, em 1453, tanto a Medicina Humana quanto a Medicina Veterinária passaram por um processo de desaceleração da sua evolução, já que para a cristandade era pecado se preocupar com os corpos. A cultura da época dizia que o importante era cuidar da alma e, portanto, o sofrimento era exaltado e a doença, sagrada. Há registros da existência de grandes clínicas veterinárias no século XVI. Neste século, também foram publicados diversos tratados sobre doenças de animais. Mas pouco se sabe sobre o início da Medicina Veterinária na região de Constantinopla.

No século XVIII, fim da Idade Moderna e início da Idade Contemporânea, havia centros de formação profissional que careciam de base científica. Os profissionais que exerciam as atividades não tinham o preparo necessário para cuidar dos animais, que eram tratados com descaso.

“Na Alemanha, os *Marstalle* (cavalariços) formavam alunos para trabalhar na tropa e, na França, os *Maréchaux-traitants* (empregados de cavaliças que cuidavam do tratamento dos animais) eram organizados em instituições profissionais. Na Inglaterra, não era raro que médicos cirurgiões humanos, mal pagos, no interior, migrassem para os grandes centros onde transformavam-se em médicos de grandes animais”, diz Luiz Octavio Pires Leal, na publicação da Academia Brasileira de Medicina Veterinária, *História da Medicina Veterinária*, sobre as organizações das pessoas que exerciam a Medicina Veterinária de forma empírica.

Profissão Científica

Somente em 1761 a Medicina Veterinária passou a ser uma profissão científica, por meio da criação da primeira Escola de Medicina Veterinária na França e no mundo, na cidade de Lyon. Claude Bourgelat era um advogado e amante de cavalos, que não se conformava com a ineficiência no tratamento empírico de seus cavalos de

raça e, usando sua influência, convenceu o Rei Luiz XV a criar a Escola Veterinária de Lyon, que entrou em funcionamento em 1762.

Em 1766, surgiu a segunda escola de veterinária no mundo, a *École Nationale Vétérinaire d'Alfort*, também fundada por Bougerlat e em funcionamento até hoje, nos subúrbios de Paris. A partir de então, outros países da Europa começaram a criar as suas escolas. O segundo país foi a Áustria, em 1768, seguido pela Itália, em 1769, Dinamarca, em 1773, Suécia, em 1775, Alemanha, em 1778, Hungria, em 1781, Inglaterra, em 1791 e Espanha, em 1792. Ao final do século XVIII, eram 19 escolas de medicina veterinária em toda a Europa.

A seringa para injeção hipodérmica, hoje de uso universal, foi desenvolvida pelo médico-veterinário francês François Tabourin (1818-1878), professor de Farmacologia e Bioquímica na Escola Veterinária de Lyon, aperfeiçoando uma seringa rudimentar idealizada por Charles Gabriel Pravaz (1791-1853).

Os toxóides antidiftérico e antitetânico foram descobertos pelo francês Gaston Ramon (1886-1963), veterinário do Instituto Pasteur, da França. Sua descoberta forneceu os meios mais simples e eficazes para prevenção da difteria.

Os microorganismos causadores da nocardiose e da peripneumonia bovina foram identificados pela primeira vez pelo médico-veterinário Edmond Nocard (1850-1903), também no Instituto Pasteur. A bactéria, batizada em sua homenagem, pode causar doenças nos seres humanos, particularmente em pacientes imunocomprometidos, como nos casos de AIDS.

A descoberta das bactérias causadoras das salmoneloses (zoonoses) partiram das experiências do veterinário patologista norte-americano Elmer Daniel Salmon (1850-1914). Seu assistente Theobald Smith descobriu a bactéria, homenageando o mestre com seu nome.

Os nomes de Jean-Marie Camille Guérin (1872-1961), médico-veterinário, e seu parceiro de pesquisas, o médico bacteriologista Leon Charles Calmette (1863-1933) estão indiscutivelmente ligados aos trabalhos visando a atenuação de cepas de *Mycobacterium* usadas na elaboração da vacina contra a tuberculose, mundialmente conhecida como BCG (Bacilo de Calmette e Guérin).

O rigor do médico-veterinário Gabriel-Constant Colin (1825-1896), professor de Fisiologia Animal na Escola Nacional Veterinária, de Maisons-Alfort, Paris, forçou Pasteur e Nocard a esclarecerem seus protocolos, contribuindo para os avanços de suas teorias. Dr. Colin deu também um passo significativo para a ciência, com a invenção de um método de injeção de vasos linfáticos.

No século XXI, a erradicação da peste bovina em todo o mundo, em 2011, passou a ser considerada como a maior conquista científica da Medicina Veterinária mundial.

A Medicina Veterinária no Brasil

Com as crises econômicas e políticas na Europa, no final do século XVIII e início do XIX, a família real portuguesa se viu forçada a mudar para o Brasil. A instalação da sede do Império no Rio de Janeiro trouxe avanços consideráveis não só para a Medicina Veterinária, como também para as áreas científicas e a vida cultural do país. Até então, não existiam no Brasil, bibliotecas, imprensa e ensino superior. As primeiras faculdades foram fundadas: a de Medicina (1815), a de Direito (1827) e a de Engenharia (1874).

Durante os reinados de D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II o país recebeu a visita de naturalistas, médicos, zoólogos e botânicos, interessados em estudar a desconhecida natureza local. Percorrendo o litoral brasileiro ou até mesmo adentrando o interior do país, cientistas dedicavam-se a pesquisar nossa fauna, flora e costumes.

Dom João VI implantou o ensino teórico e prático da agricultura, o que já acontecia em Portugal. Ele também criou o Museu Nacional e o Jardim Botânico, que passaram a ser frequentados por cientistas brasileiros e estrangeiros durante o reinado de Dom Pedro II.

As ciências agrárias já despertavam grande interesse de D. Pedro II quando, viajando à França, em 1875, ele visitou a Escola Veterinária de Alfort e se impressionou com a instituição e com uma conferência ministrada pelo médico-veterinário fisiologista Gabriel-Constant Colin (1825-1896).

O imperador voltou ao Brasil com o desejo de criar uma instituição semelhante. D. Pedro II foi o primeiro homem público a reconhecer a importância da formação de médicos-veterinários qualificados e, portanto, a necessidade de uma organização de ensino científico sobre a Medicina Veterinária. Também na fase de D. Pedro II, iniciou-se uma grande evolução científica. Novas tecnologias criadas no período refletiram na Medicina Veterinária e na saúde pública, como foi o caso dos laboratórios implantados no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro.

Período Científico-Tecnológico

Apesar dos esforços de D. Pedro II, foi somente no início do século XX, já sob regime republicano, que foram criadas as primeiras escolas de Medicina Veterinária do país. Em 1910, surgiram as instituições pioneiras do ensino da Veterinária no país: a Escola de Veterinária do Exército fundada pelo [Decreto nº 2.232, de 6 de janeiro](#), e a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, criada pelo [Decreto nº 8.319, de 20 de outubro](#), ambas na cidade do Rio de Janeiro. As escolas, no entanto, só começaram suas atividades no ano de 1914 e 1913, respectivamente.

A Escola de Veterinária do Exército foi fundada por esforços do Capitão-Médico João Muniz Barreto de Aragão (1874-1922), conhecido até os dias atuais como o Patrono da Veterinária Militar. O Brasil deve a Muniz de Aragão uma série de realizações de grande importância para a veterinária e a saúde pública. Exerceu atividades significativas para controlar doenças de manadas e tropas militares, dando destaque à Febre Aftosa e ao Mormo, doenças de cavalos que causavam grande preocupação ao Exército Brasileiro.

A exportação de produtos de origem animal para a Europa, em conformidade com as exigências sanitárias dos países estrangeiros, foi grande impulsionadora para a sistematização do ensino da Medicina Veterinária no Brasil. Muniz de Aragão se esforçou para fundar o Centro de Ensino Veterinário, mas faltavam professores com conhecimento em Biologia e Patologia Animal. O General Dr. Israel da Rocha, Diretor de Saúde do Exército, contratou profissionais europeus, indicados pelo Instituto Pasteur, para auxiliarem Muniz de Aragão a fundar o ensino da Medicina Veterinária no Brasil. Outros grandes feitos de Muniz de Aragão foram: a criação do Serviço de Defesa Sanitária Animal para o Ministério da Agricultura; a fundação da

Sociedade Médico-Cirúrgica Militar; a distribuição de água potável para os batalhões em marcha, além de obras, trabalhos técnicos, teses e comissões e encargos militares.

Vale ressaltar que a pecuária e a exportação de produtos de origem animal tiveram grande importância para o nascimento da Medicina Veterinária científica no Brasil. Em 1910, por meio do [Decreto nº 7.945](#), foram estabelecidas as bases de concorrência pública para a instalação de matadouros modelos e frigoríficos destinados à conservação e transporte de produtos animais nacionais e estrangeiros.

Em outubro desse mesmo ano, o presidente Nilo Procópio Peçanha (1867-1924), em apoio ao Ministro da Agricultura, Rodolpho Nogueira da Rocha Miranda (1862-1943), criou e aprovou a regulamentação do Serviço de Veterinária, por meio do [Decreto nº 8.331](#), disciplinando as ações em todo o território nacional, nas fronteiras do país e nos portos por onde se importava ou exportava gado. O decreto também discorre sobre as exigências para o provimento de cargos, determinando que as vagas de médicos-veterinários só poderiam ser exercidas por profissionais, brasileiros ou estrangeiros, diplomados em escola superior de veterinária.

Em 1911, mais uma escola de Medicina Veterinária foi instalada. Em Olinda (PE), a Congregação Beneditina Brasileira do Mosteiro de São Bento, através do Abade D. Pedro Roeser (1917-1929), criou uma instituição destinada ao ensino das ciências agrárias, ou seja, Agronomia e Veterinária. Eles utilizariam como padrão de ensino as clássicas escolas agrícolas da Alemanha, as "Landwirtschaft Hochschule". A escola de São Bento construiu também o primeiro hospital veterinário do país, em 1913.

Embora a escola de Olinda tenha sido criada depois das escolas do Rio, foi a primeira a formar um médico-veterinário, que viria a ser o primeiro do Brasil. O então farmacêutico Dionysio Meilli formado pela Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia.

Durante a terceira sessão da Congregação, realizada em 15 de dezembro de 1913, solicitou matrícula no curso de medicina veterinária. Sendo portador de outro diploma de curso superior, conseguiu que a Congregação acatasse sua matrícula,

conseguindo dispensa das disciplinas já cursadas e oferecendo-lhe um professor particular para transmitir os conhecimentos necessários para a obtenção do diploma antes dos quatro anos regimentares. Após a formatura de Dionysio, a Congregação formou mais 24 médicos-veterinários e em 29 de janeiro de 1925, a Escola encerrou suas atividades.

As primeiras turmas de médicos-veterinários brasileiros foram formadas no ano de 1917, na Escola Veterinária do Exército (seis veterinários), fechada em 1937, na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária (quatro veterinários), atual Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; e na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento, Olinda, PE (quatro veterinários).

Alcides Godoy (1878-1950), um dos colaboradores do renomado sanitarista Oswaldo Cruz (1872-1917), descobriu a vacina contra o “carbúnculo sintomático”, doença dos bovinos, vulgarmente conhecida como peste da manqueira. A vacina financiou o Instituto Oswaldo Cruz por muitos anos, já que as verbas federais não eram suficientes para manter seu funcionamento. Godoy nasceu em Campinas (SP) e ingressou no Instituto Oswaldo Cruz em 1903, tendo sido um dos dedicados colaboradores do grande cientista brasileiro.

A primeira mulher diplomada em Medicina Veterinária no Brasil foi a Dra. Nair Eugenia Lobo, na turma de 1929 pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária, hoje Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A História da Zootecnia

Formada pelos radicais gregos “zoon”, que significa animal, e “tecnê”, conhecimento, a palavra Zootecnia designa o conjunto de conhecimentos relativos à criação de animais, propiciando de forma integral a qualidade de vida da sociedade. De forma simplificada, pode-se dizer que a Zootecnia existe para ajudar o homem a produzir alimentos de origem animal com qualidade, eficiência e sustentabilidade para bilhões de pessoas em todo o planeta. Com base em tecnologia, os zootecnistas atuam ao lado de empresas agropecuárias, buscando práticas inteligentes e sustentáveis para o aumento da produtividade.

Como ciência, a Zootecnia abrange variados campos dos saberes, não possuindo fronteiras facilmente identificáveis. A Zootecnia inclui o domínio do planejamento, da economia e da administração; passa pelo melhoramento genético, ambiência, biotecnologia, bem-estar e manejo de animais inseridos nos sistemas produtivos; e abarca também nutrição, alimentação, formação e produção de pastos e forragens.

Zootecnia no Mundo

A utilização de animais em benefício do homem e seu processo de domesticação são citados no Velho Testamento e por diversos autores da Antiguidade. Entretanto, um dos primeiros documentos de que se tem notícia, que remetem à organização da atividade agrícola, surgiu no reinado do imperador romano Deocleciano (284 a 305). O tratado incluía práticas de agricultura, criação e higiene dos animais.

Ao longo da história do homem, o uso de animais foi vital para a sua existência, seja no transporte, no trabalho, na alimentação ou na guerra. A atividade agrícola impulsionou os estudos da arte de criar os animais até o início da Idade Média, quando mergulhou no empirismo. No Renascimento, com a ruptura das antigas estruturas medievais e seus efeitos nas artes, na filosofia e nas ciências, o conhecimento agrário ganhou novo impulso. Técnicas relativas ao uso racional de animais para o trabalho e a produção de alimentos se modernizaram e se desenvolveram. A produção organizada de animais domésticos passou a fazer parte do trabalho, do esporte, do lazer, da alimentação em escala, tornando-se também fator integrante das atividades agrícolas.

O ensino formal da Zootecnia começou no século XIX, na França. Em 1848, no Instituto Agrônomo de Versalhes, Adrien Étienne Pierre (o Conde de Gasparin) criou uma cadeira destinada ao estudo de animais domésticos. Desmembrada do ensino vigente da Agricultura Geral, a doutrina foi denominada Zootechnie, Zootecnia em português. O primeiro mestre da cadeira foi o professor Emile Vandement. Nesse momento, a Zootecnia deixava de ser uma prática que se aprende com o trabalho com o gado para ser também uma arte ou campo de conhecimento aplicado.

Inicialmente, a expressão Zootecnia foi adotada somente pelos povos de origem latina e alemã. Os países de língua inglesa usavam o termo Animal Science. No século XIX e na primeira metade do século XX, na linguagem científica, o termo já era empregado com mais intensidade, mas ainda de forma marginal, como uma classe a mais dentro de um grupo de atividades e, quase sempre, com um sentido incerto.

Com a Revolução Industrial, as ciências agrárias, incluindo a Zootecnia, tiveram forte impulso e definiram-se, enfim, como ciência acadêmica e como profissão específica. As novas profissões agrárias tentavam articular as ciências básicas (química, biologia, botânica, zoologia e genética) à solução dos problemas práticos das atividades agropecuárias.

A Zootecnia no Brasil

Ao longo dos anos, a Zootecnia evoluiu, adaptando-se às peculiaridades da velha Europa e da nova América. No novo mundo, um dos principais incentivadores do desenvolvimento da Zootecnia foi D. João VI. Durante seu governo no Brasil, o monarca propôs os primeiros cursos agrícolas a partir da criação dos hortos imperiais, mais tarde chamados de jardins botânicos. Posteriormente, no Primeiro e Segundo Impérios, estabeleceram-se inúmeras instituições agrícolas no país.

Em pleno século XIX, a economia agrária brasileira assentava-se sobre o trabalho escravo e o regime de grandes propriedades de latifúndio agrário e pecuário, com o cultivo de monoculturas. O problema do abastecimento era crônico. As tecnologias então existentes eram desprezadas ou desconhecidas pela sociedade.

Formalmente, os primeiros cursos superiores nas Ciências Agrárias no Brasil nasceram na Bahia, em 1877, sendo regulamentados somente em 1910 (Escola Agrícola de São Bento das Lages). Em 1929, a Zootecnia já era definida pelo professor Octávio Domingues (1897-1972) como a “ciência aplicada que estuda e aperfeiçoa os meios de promover a adaptação econômica do animal ao ambiente criatório, e este àquele”. Entretanto, até o início do século XX, a atividade ainda não era reconhecida como profissão de nível superior, diferentemente das profissões

irmãs, como Silvicultora, Medicina Veterinária, Engenharia Agrícola e Engenharia Agrônômica.

A Zootecnia como profissão de nível superior surgiu no Brasil a partir do estímulo e da iniciativa de um seleto grupo de agrônomos e veterinários com perspectiva de visão de futuro. Em 1951, foi criada a Sociedade Brasileira de Zootecnia (SBZ), congregando agrônomos e veterinários, os quais decidiram realizar a 1ª Reunião Anual da SBZ, em Piracicaba (SP), com o objetivo de apresentar e discutir trabalhos e pesquisas realizados na área da Zootecnia. O professor Octávio Domingues foi o primeiro presidente da SBZ, tendo seu mandato prolongado até 1968.

Em 1953, sob a liderança de Octávio Domingues, foi proposto o primeiro currículo para um curso de Zootecnia, o qual serviu de orientação para os cursos pioneiros no país. Nesse período, o grande volume de informações científicas geradas na área levou à criação da Zootecnia como um curso da área de Ciências Agrárias. No Brasil, a Zootecnia foi ensinada como disciplina especial nos cursos de Agronomia e Medicina Veterinária, até 1966.

A criação da primeira escola de Zootecnia do Brasil nasceu do idealismo e da persistência de um pequeno grupo de pessoas, liderado pelo jovem José Francisco Sanchotene Felice e Mário Villela, com inestimável apoio de Octávio Domingues. Este peregrinou todo o país em busca da edificação do projeto de instalação de um curso superior de Zootecnia independente. Dois objetivos foram claros desde a concepção do movimento, em 1963: o desenvolvimento humano pelo conhecimento e o estímulo à produção de alimentos protéicos e subprodutos animais para o incremento da economia nacional.

A primeira conquista foi a abertura de um curso pré-vestibular, que passou a funcionar nas dependências do Colégio Santana, dos irmãos Marista, em Uruguaiana (RS). A inauguração da primeira Faculdade de Zootecnia do Brasil ocorreu em 13 de maio de 1966, na mesma cidade. O curso desenvolveu-se modestamente até 1968, quando foi transferido para a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), já desativado. A primeira turma formou-se em maio de 1970. Esses são episódios que estão gravados para sempre nos anais

da história do país. Graças a seus insuperáveis esforços, Octávio Domingues é considerado o Patrono da Zootecnia brasileira. Já o dia da aula inaugural do curso superior, 13 de maio, tornou-se o Dia do Zootecnista.

A regulamentação da profissão de zootecnista foi conquistada em 4 de dezembro de 1968, pela Lei nº 5.550, que também estabelece o Conselho Federal de Medicina Veterinária como o órgão fiscalizador do exercício da profissão. No ano seguinte, foi estabelecido o currículo mínimo e a duração para o curso.

O segundo curso de Zootecnia foi implantado em 1969, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O terceiro, em 1970, na Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Depois, seguiram-se outros, como o da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais; o da Universidade Federal Rural de Pernambuco, em Recife (PE); e o da Universidade Estadual Paulista, em Jaboticabal (SP), dentre outros.

Em 1994, Octávio Domingues designava a Zootecnia como: “o conhecimento, a prática e as indústrias concernentes à criação dos animais”. Hoje, diante do avanço da agroindústria no Brasil, a Zootecnia é um dos campos de trabalho mais prósperos do país, atraindo a cada ano mais estudantes para seus cursos.